

## O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante\*

**N**os últimos vinte anos, dentro de um quadro teórico comparatista, especialmente com as pesquisas da Variação Paramétrica (Tarallo e Kato, 1989; Tarallo, 1993), tem-se afirmado que o Português Brasileiro (PB) difere do Português Europeu (PE) especialmente no que tange ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Línguas positivamente marcadas para o PSN apresentam preferencialmente a posição de sujeito vazia, tanto para os sujeitos definidos quanto arbitrários e obrigatoriamente a posição de sujeito vazia para os não referenciais (com verbos climáticos, por exemplo). Em contra-mão a esse comportamento, o PB apresenta uma preferência pelo preenchimento da posição de sujeito com formas pronominais (de referência tanto definida quanto indeterminada) e uma preferência pelo objeto nulo, como apontam Galves (1987), Duarte (1989, 1995, 2000), Cyrino (1994), Cyrino, Duarte e Kato (2000), entre outros. A diferença entre PB e PE, neste aspecto, estaria em princípio, relacionada à frequência de ocorrência da categoria vazia: no PB há preferência pela categoria vazia na posição de objeto, ao passo que no PE há preferência pela categoria vazia na posição de sujeito.

No caso da posição de sujeito, diversas pesquisas têm mostrado a preferência pelos sujeitos expressos, tanto de referência definida quanto de referência indeterminada, como se vê com o contraste entre (1) e (2) a seguir, de amostras de fala culta do PE e do PB (*cf.* Duarte, 2000).

---

\* Docente de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF).

No PE existe a preferência por sujeitos nulos referenciais e no PB por sujeitos plenos referenciais, na primeira, segunda e terceira pessoas:

- (1) PE contemporâneo (Português Fundamental):
  - a. Hoje *cv gostava* de ser magistrado, porque *cv estou* convencido que talvez *cv evitasse* mais injustiças como magistrado do que as que *cv posso* evitar como advogado.
  - b. Por exemplo, nesse trabalho que *apresentou* sobre poesia, *é* capaz de me dizer o que é que *aproveitou* do contato com os alunos?
  - c. Por exemplo, aqui pretende-se que o homem da serralheria, o homem da carpintaria faça uma requisição sempre que *precise* de matéria. Simplesmente o indivíduo quando *precisa* duma bilha ou duma chapa tem de ir buscar um livro de requisições e, com as mãos cheias de óleo, pegar numa caneta que não *traz* no bolso...
  
- (2) PB contemporâneo (NURC/RJ):
  - a. Mesmo que *eu* não fizesse o pré-vestibular, *eu* acho que *eu* passaria por causa da base que *eu* tinha.
  - b. Aí *vocês* vão entrar em atrito porque *vocês* vão começar a brigar.
  - c. Essa minha tia que mora aqui, *ela* é solteirona e eu acho que *ela* é super feliz, sabe? Eu não acho que *ela* seria feliz assim... *Ela* é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. *Ela* não ficou solteira porque não apareceu pretendente. *Ela* ficou solteira porque *ela* quis.

Essa mudança, já implementada na fala, também aparece na escrita, como mostram os dados retirados da imprensa carioca (cf. Cavalcante, 1999) para os sujeitos de referência indeterminada ou arbitrária, em que, ao lado das formas de primeira e terceira pessoas do plural, começam a aparecer as formas *a gente* e *você*, principalmente nas crônicas:

- (3) PB escrito:
  - a. "*somos* effectivamente governados por um chefe de gabinete irresponsável e, sem *querermos* neste momento pronunciar-nos sobre a direcção que está imprimindo aos negocios, *concluimos* que a primeira experiencia da constituição está produzindo alguma cousa que nem é o regimen

- parlamentar nem o regimen presidencial.” (Editorial,II)
- b. “Quem sabe se algum dia não *duvidarão* da existencia do Sr. Lucena, como hoje duvidão alguns da existencia de Homero?” (Crônica,II)
  - c. “Não é só porque se está na França, que *a gente vai deixar* passar as bobagens da TV brasileira” (Crônica,V)
  - d. “*A gente* pode rir, mas *fica* também profundamente alarmada. (Crônica,III)
  - e. “Aqui começa o drama que na maioria das vezes termina nos bares, ou então é a corrupção no sentido existencial: *you se olha* no espelho e já não *se reconhece*.” (Crônica,IV)

Ao lado da preferência pelos sujeitos pronominais preenchidos, ocorre, no entanto, uma outra característica que separa o PB do PE, relacionada justamente à categoria vazia na posição de sujeito: o PB permite sujeitos nulos de terceira pessoa do singular com um referente indeterminado, como mostram os exemplos em (4) de Galves (2001):

- (4) a. Nos nossos dias não *usa* mais saia. (Galves, 2001, p. 46)
- b. Aqui *conserta* sapatos. (Galves, 2001, p. 110)

No PE, os sujeitos das sentenças são interpretados como um sujeito nulo com referência definida; a interpretação indeterminada ocorre em contextos de verbo na terceira pessoa do plural, ou na presença do pronome *se*, como vemos em (5):

- (5) a. Nos nossos dias não *usam* / *se usa* mais saia.
- b. Aqui *consertam* / *consertam-se* sapatos.

O sujeito nulo de terceira pessoa do singular de referência indeterminada não aparece nas outras línguas românicas de sujeito nulo, como o Italiano, o Espanhol e até mesmo o Português Europeu, mas aparece em línguas de outras famílias que compartilham com o PB a propriedade de serem parcialmente *pro-drop*: é o caso do Finlandês, por exemplo. Holmberg (2006) mostra que o sujeito nulo genérico do Finlandês ocorre em predicados genéricos e habituais, preferencialmente com a presença de um advérbio locativo ou temporal, como vemos em (6):

- (6) a. Tässä istuu mukavasti.  
(*here sits comfortably*)

b. Täällä saa työtä jos puhuu saksaa.

*(here gets work if speaks German)*

Essa característica do PB tem sido apontada na literatura gerativista como uma propriedade do enfraquecimento da Concordância (AGR), como apontam Moreira da Silva (1983); Galves (1987, 1993, 2001); Figueiredo Silva (1996); Rodrigues (2004), entre outros. Segundo Galves (1993, p. 395), concordância “fraca” é aquela que “não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático”. Desse modo, a questão do sujeito nulo no PB está relacionada mais à sua identificação, do que à sua legitimação formal:

AGR, pelo menos na terceira pessoa do singular, parece ser referencialmente pobre demais para identificar um sujeito nulo como um pronome nulo específico. Na verdade, esse sujeito nulo é como PRO: na ausência de um antecedente potencial, é interpretado como indeterminado. (Galves, 2001, p. 110)

O problema da identificação parece estar intimamente relacionado ao traço de [pessoa] em AGR. Como o PB perdeu essa capacidade de identificação, perdeu, portanto o traço de [pessoa] em AGR, ou, como propõe Galves (1993), ficou um traço [pessoa] defectivo. Desse modo, a concordância “rica” está relacionada também não à morfologia verbal rica, mas sim à capacidade de identificação de um sujeito nulo de terceira pessoa singular, que tenha um traço [pessoa].

Para Galves (1993), o enfraquecimento do elemento de concordância está relacionado à perda da distinção entre as desinências de segunda e terceira pessoas. Essa perda de distinção entre segunda e terceira pessoa gera um sistema em que [pessoa] passa a ser caracterizado como um traço sintático que comporta apenas dois valores: positivo e negativo:

É o que acontece no PB: onde não se encontra na flexão verbal a oposição 1<sup>a.</sup>, 2<sup>a.</sup> e 3<sup>a.</sup> pessoas, mas somente uma oposição binária, pessoa (1<sup>a.</sup>) / não-pessoa (3<sup>a.</sup>), articulada a uma oposição singular / plural. Isso corresponde a uma concordância fraca morfológicamente (ausência de 2<sup>a.</sup> pessoa), e semanticamente (possibilidade de interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada). (Galves, 1993, p. 395)

Essa característica do PB, como observa Galves (1987), é um dos fenômenos que apontam para o PB ser uma língua de tópico.

A associação entre o enfraquecimento de AGR e o sujeito nulo arbitrário, no entanto, não explica totalmente a distribuição desse tipo de sujeito no PB: a interpretação arbitrária do sujeito nulo de terceira pessoa singular, como veremos, não ocorre irrestritamente, mas antes, está condicionada a determinadas características dos predicados verbais.

Essa semelhança entre o PB e o Finlandês nos leva a cogitar que somente um traço defectivo em Agr<sup>1</sup> não dá conta de explicar essa possibilidade de interpretação do sujeito nulo indeterminado. E é por isso que privilegio aqui, além de mostrar uma possível mudança em progresso, haja vista o tipo de amostra de fala, os contextos sintáticos que favorecem a leitura genérica do sujeito nulo.

Neste trabalho, com base em amostras da fala culta carioca, procuro mostrar que a leitura arbitrária do sujeito nulo no PB é fortemente condicionada a fatores lingüísticos, tais como: os predicados habituais ou genéricos, geralmente associados a tempos verbais como presente e imperfeito e à presença de auxiliares modais, como “pode”, “tem que”. Nos predicados episódicos, geralmente o sujeito nulo recebe uma interpretação referencial específica, associada a um tópico.

A opção por comparar as sentenças de sujeito nulo genérico com as construções com *se* se deu por dois motivos: (1) as sentenças com *se* já apresentam informação genérica, dados os traços semânticos que esse pronome carrega, quais sejam [+humano, -definido] e (2) comparando a freqüência de uso das duas construções ao longo do tempo (tanto no comportamento do indivíduo como no da comunidade) temos condições de saber se uma está crescendo em detrimento da outra.

Assim, além de mostrar que a leitura arbitrária do sujeito nulo está associada aos predicados genéricos ou habituais, procuro verificar o quadro de mudança ou variação na fala culta carioca para este fenômeno. Vamos aos fatos.

---

<sup>1</sup> Nas análises mais recentes dentro do Programa Minimalista, pode-se postular que os traços-*phi* de Tempo (Tense) também sejam defectivos no traço [pessoa]. Dentro da perspectiva de Chomsky (1995), em que Agr não é mais um núcleo funcional, mas traços dentro de T, não se pode falar em “Agr defectivo”, mas se pode falar em “T defectivo”, pois falta o traço pessoa no conjunto de traços-*phi* de T (que são pessoa e número), para os verbos.

## O sujeito nulo arbitrário na fala culta carioca

Esta análise considera apenas as construções com sujeito nulo em comparação com as construções com *se* em sentenças finitas, como em (7):

- (7) antigamente tinha, *punha* a mesa pra tomar lanche quando eu era criança, *punha-se* a mesa pra tomar lanche (inq002-RE-M3)

Devo ressaltar que aqui não faço distinção entre as construções ditas de *se-passivo* (8a) – em que ocorre concordância entre o verbo transitivo direto e seu argumento interno plural – ou de *se-indeterminador* (8b) – construções sem concordância verbal –, devido ao fato de ambas serem construções em que o agente / argumento externo é interpretado como indeterminado ou genérico, pelos traços semânticos do pronome *se* [+humano, - definido]:

- (8) a. *Vendem-se* casas.  
b. *Vende-se* casas.

Os resultados quantitativos da relação sujeito nulo / *se* em sentenças finitas são apresentados em dois estudos da mudança em tempo real de curta duração: um estudo painel e um estudo de tendências (Labov, 1994), com base em amostras de fala do Projeto NURC/RJ (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro).

Trata-se de três amostras gravadas seguindo uma metodologia sociolinguística, com vistas a análises em tempo real de curta duração: Amostras “Anos 70”, “Recontato” e “Anos 90”. A Amostra “Anos 70” constitui-se de gravações realizadas nos anos 70, a “Recontato” constitui-se de gravações com os mesmos informantes da primeira amostra recontatados nos anos 90, e a Amostra “Anos 90” constitui-se de entrevistas com novos informantes nos anos 90. Os informantes são divididos em três faixas etárias: Faixa 1, de 25 a 35 anos; Faixa 2, de 36 a 55 anos e Faixa 3, acima de 56 anos.

Essa metodologia permite avaliar tanto o comportamento do indivíduo em momentos distintos da sua vida – estudo painel, feito aqui com base na comparação entre as Amostras *Anos 70* e *Recontato* –, quanto o comportamento de uma comunidade num intervalo de 20 anos – estudo de tendências, realizado através da comparação entre os dados da Amostras *Anos 70* e *Anos 90*. Esse tipo de estudo é importante para o fenômeno em questão na medida em que se trata de mais um dado que aponta para as

características inovadoras do PB em relação ao PE. De fato, desde Tarallo (1993), tem-se afirmado que no século 20 emerge a gramática do PB, diferente da gramática do PE. O sujeito nulo de terceira pessoa com referente arbitrário é mais uma peça no quebra-cabeça sintático que está sendo montado para saber o desenho da gramática do PB.

Para sabermos a distribuição do sujeito nulo com referência arbitrária na fala culta carioca, faz-se necessária uma comparação com as construções com *se*. Essa comparação não implica necessariamente afirmar que ocorre uma variação entre sujeito nulo e *se*, tampouco que os casos de sujeito nulo arbitrário se devam ao apagamento de *se* nas sentenças. Como mostram trabalhos recentes com base na fala espontânea (Duarte, 1995, 2003), há expressiva preferência pelo uso de formas nominativas como *você* e *a gente* com referência indeterminada nas sentenças finitas. Essas formas pronominais, inclusive, estão sendo implementadas nas sentenças infinitivas, ocorrendo em variação com o sujeito nulo de infinitivo com referência arbitrária (Cavalcante, 2006)<sup>2</sup>.

Foram levantados 351 dados de sujeito nulo e *se* nas entrevistas do Projeto Nurc/RJ. Na Tabela 1 a seguir, apresento o percentual de sujeito nulo em relação ao total de sentenças em cada um dos estudos considerados: o de Painel e o de Tendência:

Estudo Painel		Estudo de Tendência	
Anos 70	Recontato	Anos 70	Anos 90
39/164 23%	24/70 34%	39/164 23%	42/117 35%

Tabela 1: *Percentual do sujeito nulo arbitrário nas amostras analisadas*

A distribuição percentual na Tabela 1 mostra que entre os anos 70 e os anos 90 houve um acréscimo do uso do sujeito nulo, em relação às sentenças com *se*, de 10%, apesar de ainda as construções com *se* serem a estratégia preferida. Esse crescimento é notado tanto no comportamento dos indivíduos, que passa de 23% na Amostra dos *Anos 70* para 34% na Amostra *Recontato*, quanto no comportamento da comunidade, que passa para 35% de frequência do sujeito nulo indeterminado. São percentuais que podem indicar o estágio de mudança por que passa o PB com relação a outras línguas românicas, que não permitem esse tipo de sujeito.

<sup>2</sup> Análises de sentenças não finitas revelam igualmente uma tendência ao uso de *se* na escrita (Cavalcante, 1999, 2002), Duarte (2002) e Duarte e Lopes (2002).

Vale mencionar, entretanto, que só estamos considerando essas duas estratégias, deixando de lado as outras formas pronominais, que também sofreram aumento, como mostram os trabalhos já mencionados.

Vejamos a seguir alguns exemplos do sujeito nulo de referência indeterminada:

- (9) a. Então *pode ligar* pra Imperial pra pedir, coca-cola, pão, presente ou não sei o quê, ou casadinho sei lá pra fazer o lanche né, já vinha aquilo entregue em casa (Inq133-RE-M2)
- b. antigamente tinha ... *punha* a mesa pra tomar lanche ... quando eu era criança, *punha-se* a mesa pra tomar lanche ... quatro horas *punha* a mesa. (inq002-RE-M3)
- c. hoje, o carnaval do Rio se restringe a, à , Av. Rio Branco, com os blocos, ou então com, o famoso Sambódromo aí onde que *industrializou-se*, o carnaval (inq52-RE-H3)
- d. No Brasil eles são organizados muito mais a nível municipal do que a nível nacional, talvez pelo próprio tamanho do Brasil, é difícil fazer alguma coisa nacional aqui, e com o passar dos tempos em diversos países, *se organizaram* centrais sindicais pra melhor encaminhar a luta (Inq164-RE-H2)

Primeiramente, vamos observar o comportamento dos indivíduos analisados. Essas informações sociais foram consideradas com o intuito de mostrar a característica inovadora do sujeito nulo arbitrário, de que falam os trabalhos que apresentam uma preocupação em descrever o PB com relação ao PE e às outras línguas românicas.

A Tabela 2, a seguir, traz o resultado do estudo painel, com o comportamento do sujeito nulo arbitrário nos informantes da Amostra dos *Anos 70* em comparação com a Amostra *Recontato*:



Informante <sup>3</sup>	Anos 70			Recontato		
	Idade	Nº/Total	%	Idade	Nº/Total	%
Inq096	25	0/4	0%	45	0/1	0%
Inq011	26	12/18	67%	46	2/4	50%
Inq133	31	0/7	0%	50	1/2	50%
Inq164	34	0/18	0%	53	0/4	0%
Inq052	39	1/8	12%	59	0/4	0%
Inq233	41	5/27	19%	59	5/14	36%
Inq002	44	9/30	30%	65	8/13	62%
Inq140	55	1/4	25%	74	1/7	14%
Inq347	57	0/8	0%	79	4/9	44%
Inq373	58	9/23	39%	76	2/8	25%
Inq071	56	2/17	12%	80	1/4	25%

Tabela 2: *Sujeito nulo indeterminado por indivíduos – estudo painel*

A partir da distribuição dos dados da Tabela 2, podemos observar duas tendências para o uso do sujeito nulo arbitrário: (1) uma diminuição do número de dados em geral e (2) um comportamento instável dos indivíduos entre os anos 70 e 90. É certo que o percentual de sujeito nulo indeterminado aumenta em 10 pontos entre os *Anos 70* para a Amostra *Recontato*, mas o número absoluto de dados também diminui (de 164 para 70). Isso pode indicar que outras estratégias, que não foram consideradas aqui – como o preenchimento da posição de sujeito com as formas pronominais *ocê* e *a gente* – estejam concorrendo com o *se* e o sujeito nulo – estratégias aqui consideradas. Essa afirmação é válida, na medida em que consideramos os resultados de estudos sobre o preenchimento do sujeito na fala culta, como os de Duarte (1995, 2000), já mencionados.

Com relação ao comportamento dos indivíduos, notamos uma certa instabilidade: os indivíduos mais jovens, que na Amostra *Anos 70* tinham entre 25 e 35 anos, apresentam uma diminuição no uso do sujeito nulo de referência indeterminada, inclusive uma diminuição no número de dados. Já os indivíduos entre 36 e 55 anos, na Amostra *Anos 70*, apresentam um comportamento diferente: dois deles aumentaram o percentual de sujeito nulo indeterminado, e dois deles diminuíram.

A Tabela 3, a seguir, traz o comportamento do sujeito nulo de referência indeterminada com relação à faixa etária dos indivíduos nas Amostras *Anos 70* e *Anos 90*:

<sup>3</sup> Indica-se na tabela o número do inquérito (Inq) do Projeto NURC-RJ.

Faixa Etária	Anos 70	Anos 90
Faixa 1	12 / 47 – 25%	14/18 – 77%
Faixa 2	16/69 – 23%	20/38 – 52%
Faixa 3	11/48 – 22%	8/61 – 13%
Total	39/164 – 23%	42/117 – 36%

Tabela 3: *Comportamento do sujeito nulo por faixa etária – estudo de tendência*

A Tabela 3 confirma, de certo modo, o comportamento dos indivíduos atestado na Tabela 2: a instabilidade. Note-se que nos *Anos 70*, temos variação estável para o sujeito nulo de referência indeterminada, que oscila entre 25 e 22 pontos percentuais. Nos *Anos 90*, o percentual de sujeito nulo arbitrário se comporta, ao longo das faixas etárias, como mudança que cai à medida que aumenta a faixa etária dos informantes: 77% > 52% > 13%. Isso indica uma mudança em tempo aparente, isto é, os falantes mais jovens tendem a utilizar a nova forma de indeterminação.

Vejamos o comportamento da “comunidade” com relação aos fatores lingüísticos que possam influenciar na leitura indeterminada do sujeito nulo: o tempo verbal da oração. A Tabela 4 traz o comportamento do sujeito nulo arbitrário com relação à faixa etária e ao tempo verbal nas Amostras *Anos 70* e *Anos 90*.

Tabela 4: *Comportamento do sujeito nulo de referência indeterminada*

A partir da distribuição dos dados na Tabela 4, podemos notar que, além da faixa etária do informante, um contexto lingüístico específico favorece o sujeito nulo arbitrário: os predicados habituais e genéricos, representados pelos tempos verbais presente e imperfeito. Note-se que os índices mais altos de sujeito nulo, em todas as faixas etárias, estão concentrados nos predicados no presente e no imperfeito.

Esse fator gramatical se mantém constante independentemente da faixa etária do indivíduo ou do ano da entrevista. Isso pode indicar que este é um mecanismo estritamente gramatical, que não está relacionado a fatores sociais, mas antes, se relaciona à estrutura das sentenças genéricas e episódicas no PB.

Os exemplos mostram o sujeito nulo arbitrário nas sentenças genéricas (10) e habituais (11):

- (10) a. e tem também esses caldinhos prontos meu Deus esses tabletinhos Knorr aí quem não conhece? *Faz* num minuto aquilo... *bota* no feijão... *bota* numa sopa qualquer aquilo... (inq002-70, M2)  
b. *Serve* churrasquinho, *serve* o... o salgadinho... depois *serve* ... o churrasco... (inq014-AC,H2)
- (11) a. e tinha um armário ... *guardava* a louça do diário... que era o lugar da bagunça... *guardava* bicicleta... *guardava* ferramenta... (inq011-70, M1)  
b. toma-se vitamina lá... vitamina... aveia com banana e leite... *comia* mais era banana né? essas frutas assim... mais caras não *se comia* como se come hoje... (inq014-AC,H2)

Os enunciados episódicos, representados pelo perfeito e pelo futuro, não favorecem a leitura arbitrária do sujeito nulo: é necessário o uso do pronome *se*, que contém traço semântico [+humano, -específico] para garantir a interpretação arbitrária da posição de sujeito, como vemos em (12):

- (12) a. então *se marcou* aquele dia em que: os meus esses meus tios-avós... que já conheciam a família que se davam e tal... então eles foram ((pigarro)) foram à casa dos meus sogros... então *marcou-se* houve lá um jantar uma qualquer coisa eh... *abriu-se* uma champa:nhe eh... uma coisa clássica... (inq071-70, H3)

b. é aquilo, né, sempre se ouviu falar que a geração atual tinha que se sacrificar em prol da geração futura, né? (inq28-AC-H3)

c. E eu me recordo quando *se colocou* lá em casa, foi a primeira máquina de lavar que eu vi, foi a primeira geladeira que eu vi. (inq28-AC-H3)

O único caso de sujeito nulo, com possível interpretação arbitrária, no “pretérito perfeito” (13) foi encontrado num contexto genérico, numa narrativa:

(13) Todo mundo que entra, pode perguntar, 90% sabe o que quer fazer e os outros 10% você resolve internamente com transferência. *Transfere. Terminou* o básico, *tenta* uma transferência, *faz* algum tipo de seleção pra você não tornar o negócio injusto. É, pra entrar. (inq001-AC, H1)

Com relação ao tempo “futuro”, foram encontradas 5 ocorrências de sujeito nulo. Dessas, 4 ocorreram em sentenças condicionais na presença da conjunção “se”, o que inibe o pronome se, evitando as seqüências “se se”:

(14) a. se não *olhar* o prazo... (inq373-70, M3)

b. já é pra deixar um pouco de vaga pra trás pra ele poder fazer a volta e sair... ele desimpede todo trânsito... mas se não *fizer* isso... entope (inq020-ACM2)

c. Por que que não fazem no vestibular? Se *fizer* no vestibular, o o que acontece? (inq001-AC, H1)

d. quando eu era garoto... dez anos... era pior...se *comparar* hoje... eu acho que ainda existe mais facilidade de você poder comprar essas frutas caras né? (inq014-AC, H2)

A quinta ocorrência de sujeito nulo arbitrário numa construção com verbo no futuro é um caso de futuro do pretérito com o auxiliar modal, o que ajuda uma leitura arbitrária (15):

(15) Era perto, era, mais ou menos, a uma hora e meia, duas horas das, quer dizer, até, até, *poderia morar* na cidade e... (inq012AC, M1)

O exemplo (15) nos leva ao último contexto tratado aqui que favorece a leitura arbitrária do sujeito nulo: a presença de auxiliares modais. Dentre os dados de sujeito nulo nos predicados genéricos e habituais, i.e, com verbo no presente e no imperfeito, também se encontram construções com predicados complexos, com a presença de auxiliares modais, aspectuais e temporais. Para mostrar a relevância deste fator, consideremos os casos de sujeito nulo arbitrário somente nos predicados genéricos e habituais com relação à presença de um auxiliar. Na Tabela 5, apresentamos o comportamento do sujeito nulo arbitrário nas sentenças com auxiliares modais, aspectuais e temporais segundo o tempo verbal:

Auxiliar	Anos 70		Anos 90		
	Presente	Imperfeito	Presente	Imperfeito	Futuro
Modal	7/21 – 33%	2/4 – 50%	1/6 – 17%	1/1 – 100%	1/1 – 100%
Aspectual	1/3 – 33%	0/0 – ---	2/4 – 50%	1/1 – 100%	0/0 – ---
Temporal	8/10 – 80%	0/1 – 0%	1/4 – 25%	1/2 – 50%	0/0 – ---
Total	18/39 – 46%		8/19 – 42%		

Tabela 5: *Sujeito nulo arbitrário na presença de auxiliares – estudo de tendência*

Nota-se, nesta Tabela, que a presença de um auxiliar também favorece o sujeito nulo arbitrário. Das 39 sentenças com sujeito nulo arbitrário na Amostra dos *Anos 70*, 18 (46%) eram sentenças com auxiliares. Nos *Anos 90*, das 42 sentenças com sujeito nulo, 8 (19%) eram sentenças com auxiliares. Essa diferença entre uma amostra e outra pode ser explicada pela implementação do sujeito nulo de referência arbitrária por mais contextos: se caminhamos para um maior índice de sujeito nulo arbitrário dos *Anos 70* para os *Anos 90*, a presença de um auxiliar não é tão mais necessária para garantir essa interpretação. De fato, Cavalcante (1999), ao analisar o sujeito indeterminado numa amostra diacrônica de textos de jornais (séculos 19 e 20), observou que o primeiro contexto de implementação desse tipo de sujeito foi justamente o contexto com auxiliares modais e temporais, como mostra o exemplo a seguir (*cf.* Cavalcante, 1999:64):

- (16) “O que fez a diferença foi harmonia e evolução, os princípios básicos de um desfile de escolas de samba. Não *pode* deixar buraco, não *pode* sair correndo para cumprir o tempo, não *pode* parar para deixar o relógio correr. *Tem* que evoluir. Todo mundo *tem* que cantar o samba, uma ala não *pode* se misturar à outra, não *pode* atravessar o samba. *Tem* que ter harmonia.” (Coluna do Artur Xexéo, *JB*, 19/fev/1999)

Os exemplos a seguir ilustram os casos de predicados complexos com verbo no presente com auxiliares modais (17), aspectuais (18) e temporais (19):

- (17) a. um uísque *pode tomar* antes ou depois do jantar eu acho sempre bem-vindo não é (inq002-70, M2)  
b. onde *pode ficar* sem ser na arquibancada? (inq052-70, H2)
- (18) a. não... eh... os doces *costuma fazer*... (inq014-AC,H2)
- (19) a. *vai tomar* um banho de mar, o mar está poluído (inq140-70, M2)  
b. agora *vai investir?* se não olhar o prazo... *vai pagar* juros... *vai pagar* juros de mora... *vai pagar* imposto... tanta coisa... e agora mais um negócio na cabeça da gente pra saber se... se vai botar ... vai botar mil ou se vai botar mil e quinhentos... (inq373-70, M3)

Com relação às construções cujo verbo aparece no pretérito imperfeito, de um total de 13, três foram com auxiliar modal (20) e um com auxiliar temporal (21), como vemos a seguir:

- (20) a. Se *tinha* então *que passar* um... um tempo ali... na rua Buenos Aires era uma coisa impressionante... (inq233-70, H2)  
b. e a penteadeira porque não *podia botar* nada em cima que a gente quebrava (inq011-70, M1)  
c. E tinha cartola, tinha talão, tinha racionamento, só *podia receber* uma certa quantidade de litros por semana. (inq28-AC-H3)
- (21) a. e os shoppings, tipo, Plazashopping, Ilha Shopping, esses troços levaram as grifes, né, lojas de grifes, pra outros lugares que, a princípio as pessoas achavam que não *ia vender* (inq012AC, M1)

Como se vê, a genericidade do predicado é mais forte nas construções com modais, tanto no presente (17) como no imperfeito (20). Os outros auxiliares, pela sua própria natureza, colaboram para uma leitura mais pontual dos predicados.

## Considerações Finais

Tais resultados podem indicar que, além do enfraquecimento da Concordância, que faz com que o sujeito nulo de terceira pessoa não possa ser identificado a um referente, a não ser ligado a um tópico (Galves, 1987), deve haver um outro elemento na sentença que favoreça a leitura arbitrária do sujeito nulo. De fato, os predicados genéricos e habituais apresentam por si só uma leitura genérica, ou *quasi-universal*, diferentemente dos predicados episódicos, que favorecem uma leitura existencial. Comparem-se as sentenças a seguir, com o pronome *se*, adaptadas de Chierchia (1995):

- (22) a. Na Itália *se bebe* muito vinho.  
b. Ontem *se bebeu* muito vinho na festa.

Em ambas as construções podemos ter uma interpretação arbitrária para a posição de sujeito: o pronome *se* possui traços semânticos que permitem essa interpretação, quais sejam [-definido], [+humano]. Em (22a), entretanto, devido ao tempo verbal “presente”, temos uma sentença genérica, ou habitual, e a interpretação do *se* é *quasi-universal*, algo como “todos os italianos bebem muito vinho”. O tempo verbal pretérito perfeito, em (22b), restringe a interpretação do *se* a um certo grupo de pessoas, uma interpretação existencial; algo como “algumas pessoas beberam muito vinho na festa”. Para as sentenças com *se*, Chierchia (1995) propõe a existência de um Operador Genérico, que dependendo da sua posição na sentença pode favorecer uma leitura *quasi-universal* ou existencial do pronome *se*.

Os exemplos aqui mostrados do comportamento do sujeito nulo de referência indeterminada parecem indicar que no PB estamos diante de um caso parecido. Resta, portanto, analisar de perto essas construções e comparar com outras línguas que apresentam o mesmo fenômeno, como o Finlandês, por exemplo, para saber como um Operador Genérico, à la Chierchia (1995), poderia dar conta desse tipo de sujeito. É certo que a existência de um sujeito nulo de referência arbitrária num sistema que tende à representação dos sujeitos referenciais definidos com formas pronominais, longe de parecer um contra-argumento em relação à mudança, revela a natureza parcialmente *pro-drop* do Português Brasileiro.

Assim, acredito que este trabalho possa ter contribuído para descobrir mais uma peça no quebra-cabeça da gramática do PB, pelo menos no que tange à posição de sujeito.

## Referências bibliográficas

- CALLOU, Dinah, e LOPES, Célia Regina dos Santos (eds). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*, volume 2: *Diálogo entre Informante e Documentador*. Rio de Janeiro, RJ: CAPES, Faculdade de Letras / UFRJ, 1993.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. *O sujeito indeterminado na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- \_\_\_\_\_. "A indeterminação do sujeito na escrita: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX". In: ALKIMIN, Tânia M. (org). *Para a história do português brasileiro: vol III Primeiros Estudos*. São Paulo: Humanitas, USP, 2002. pp. 197-219.
- \_\_\_\_\_. *O uso de se com infinitivo na história do português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro modernos*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.
- CHIERCHIA, Gennaro. The variability of Impersonal Subjects. In: BACH, Emmon; JELINEK, Eloise; KRATZER, Angelika e PARTEE, Bárbara. (eds). *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer, 1995. pp. 107-143.
- CYRINO, Sônia. *O objeto nulo no português do Brasil*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.
- CYRINO, Sônia; DUARTE, M. Eugênia. & KATO, Mary A. "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese". In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E.V. (eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. pp. 55-104.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. *A Perda do Princípio 'Evite Pronome' no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.
- \_\_\_\_\_. "The loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary A. & NEGRÃO, Esmeralda V. (eds). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert, 2000. pp. 17-36.
- \_\_\_\_\_. "Construções com *se* passivador e indeterminador em anúncios do século XIX". In: ALKMIM, Tânia M. *Para a História do Português Brasileiro, Vol. III Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. pp. 155-176.
- \_\_\_\_\_. "A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos". In: PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/



- Faperj, 2003, pp. 115-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & LOPES, Célia Regina dos Santos. "Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX". In: DUARTE, M. E. L. & CALLOU, D. Para a História do Português Brasileiro, vol. IV, *Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2002. pp. 155-165.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland. "A sintaxe do português brasileiro". In: *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura - Ensaios de Lingüística 7*, 1987.
- \_\_\_\_\_. "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: KATO, Mary & ROBERTS, Ian (orgs). *Português Brasileiro uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993, pp. 387-408.
- \_\_\_\_\_. *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- HOLMBERG, Anders. "The null generic subject pronoun in Finnish". In: KAISER, Elsi; MANNINEN, Satu; HIIETAN, Katri & VIHMAN, Virve. (eds). *Passives and impersonals in European languages*. Oxford: Oxford University Press, 2006. (no prelo).
- LABOV, William. *Principles of linguistic change. internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- MOREIRA DA SILVA, Samuel. *Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/ OBJET dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado, Université de Paris VIII, Departament de Linguistique Générale, 1983.
- RODRIGUES, Cilene. *Impoverished Morphology and A-Movement Out of Case Domains*. Tese de Doutorado, University of Maryland, College Park, 2004.
- TARALLO, Fernando. "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX". In: ROBERTS, I. & KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Pontes, 1993, pp. 69-105.
- TARALLO, Fernando & KATO, Mary A. "Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e intralingüística". *Preedição 5*. Campinas, Unicamp, 1989, pp. 315-353.

**Resumo:**

Mudanças ocorridas no sistema pronominal do Português Brasileiro levaram a uma preferência pelo preenchimento do sujeito tanto de referência definida quanto arbitrária, como revelam pesquisas, como as de Duarte (1995, 2000). Há, por outro lado, uma redução no uso de clíticos em geral, inclusive o *se* de referência indeterminada nas sentenças finitas. Tal redução levou à preferência pelas formas pronominais plenas para todos os sujeitos referenciais, definidos e arbitrários (como *você* e *a gente*), mas permitiu, como já apontou Galves (1987), o aparecimento de um sujeito nulo indeterminado em sentenças finitas, construção não atestada no português europeu, ao lado do pronome *se*. Neste trabalho, apresento uma descrição do uso do sujeito nulo com referência indeterminada / arbitrária em dois estudos da mudança em tempo real de curta duração (Labov, 1994), a partir de amostras da fala culta carioca – NURC/RJ – a fim de delimitar os contextos favorecedores desse sujeito nulo. Foram verificados tanto fatores lingüísticos – como tipo de verbo, tempo verbal da sentença, presença de modalizadores –, quanto fatores extralingüísticos – ano de gravação, idade do informante. Os resultados indicam que ocorre um aumento na preferência pela construção de sujeito nulo arbitrário na fala de informantes mais jovens e na amostra mais recente. Com relação aos fatores lingüísticos, destacam-se as sentenças genéricas ou habituais, com tempo verbal no presente ou imperfeito, e a presença de verbos modais como *poder*, *dever*.

**Palavras-chave:** Português do Brasil; sintaxe; sistema pronominal; sujeito nulo arbitrário.

**Abstract:**

Changes undergone by Brazilian Portuguese pronominal system have led to a preference for visible pronominal definite and arbitrary subjects, as shown by some empirical researches (Duarte 1995, 2000).

There is also, on the other hand, a decrease in the use of pronominal clitics, among them the clitic *se* to mark indefinite reference. Such a decrease resulted in the preference for visible nominative pronominal subjects with arbitrary reference, such as *a gente* (we) and *você* (you). However, the system also allows third person null subjects with arbitrary reference (Galves, 1987), contrary to what happens in European Portuguese. This paper presents an analysis of the representation of third person null arbitrary subjects in a study of the change in “short term real time” (Labov 1994), based on two samples of spoken language produced by highly educated speakers (Nurc/RJ), in order to find the contexts that favor such a kind of null arbitrary subject. Both linguistic (main verb; tense; modal verbs) and non-linguistic factors (year of the interview, age of the informant) have been controlled. The results show that there is an increase in the frequency of null arbitrary subjects in the speech of younger people in the most recent sample. As for the linguistic factors, the generic and habitual sentences, marked with present and imperfect tenses and the presence of modal verbs, favor the null arbitrary subject.

**Keywords:** Brazilian portuguese; syntax; pronominal system; null arbitrary subject.

